

Fazer arte é resistir

Veiga, Ana Lygia Vieira Schil da [Nina], **Minha Ariadne, o instante é eterno** - Desejo como produção: Mil anos em cartas entre Ana Schiller e G.. São Paulo: Círculo das Artes, 2017.

Nessa troca de cartas, um momento histórico importante para Portugal e as Áfricas. O cenário de Ana é o Portugal de Salazar e Marcelo Caetano. O Ano de 1973. G. está em África, junto aos Capitães de Abril e à Guerra Colonialista. Na voz de Ana, a letra de "Tanto mar", que Chico Buarque escreveria em 1974. O fado Abandono, consagrado na Voz de Amália Rodrigues, conhecido na época como o Fado do Peniche, pois fazia referência evidente ao forte-prisão do Peniche para onde eram enviados os presos políticos da mais longa ditadura da história. Mais quatro canções fazem parte da carta. "Um fado" de Ivan Lins e Vitor Martins; o sucesso da música contemporânea portuguesa, "Haja o que houver", do grupo Madredeus, além das músicas que serviram de senha para colocar em ação a Revolução dos Cravos: "E depois do adeus" e "Grândola, Vila Morena". Ana ainda faz referência à tradição feminina alentejana de cair a casa. As mulheres caiavam a casa anualmente, mas faziam "baixinhos" frequentemente, para conservar branca e seca a área mais próxima ao chão. Ana inicia a carta, fazendo referência ao livro do filósofo português, José Gil, onde cita uma pixação: "não há drama, tudo é intriga e trama", para falar do medo de existir do português na contemporaneidade.

Lisboa, outono de 1973.

Meu amor,

Em Portugal nada acontece. Há apenas esse aguardar em silêncio forçado e tua ausência em mim. Esta semana, ao longo da parede de uma escadaria de Santa Catarina que desce para o ascensor da Bica, vi

um dístico gravado em garranchos apressados: “não há drama, tudo é intriga e trama”. Passei lá, no dia seguinte, e uma tinta preta cobria as letras. Pensei no novo livro: escrita sufocada como boca amordaçada. Esforço-me a cada dia para tornar a boca silenciada num lugar grávido de sons e revoluções futuras. Porém, como toda gente, estou a temer e a tremer, sem coragem para escrever, pintar ou deitar a teia ao tear. Vivo dias perdidos. Ah! Amado meu, toda essa vida portuguesa é feita a dias perdidos. Passo as manhãs ao jardim. O canteiro de cravos foi atingido por fungos e estou a arrancá-los. Guardei as sementes para um novo plantio na primavera. Também fiz uma poda nas moitas de alecrim. Esperamos um inverno rigoroso com ventos tempestuosos. Pelas tardes, fico diante do caderno a aguardar a chegada das letras. Demoram-se e, enquanto espero, tiro do esconderijo o *Avante!*. Dele, recorto sentenças e parágrafos, colo-os entre as páginas, em novas composições. Hoje, peguei o guache azul, aguei-o e passei por cima das colagens. Eram trechos daquele censurado artigo de José Gil, a apontar o empobrecimento do horizonte dos possíveis em Portugal. Enquanto passava a tinta sobre a frase: “O medo é a estratégia do nada inscrever. O medo de agir, de criar, de arriscar. O medo de não estar à altura, em suma, de viver”. Lembrei-me do dístico e escrevi sobre a tinta ainda um pouco úmida: “não é tal ou tal acontecimento que não se inscreve, é a própria existência”. Ah! G. Até quando continuará fato o dito na frase coberta em azul: “A prudência é a lei do bom senso português”? Até quando nos manteremos apoucados? Que diferença tenho eu das mulheres que gastam as contas dos terços em salve-rainhas? Um caderno de colagens e quatro metros de jardim são vida? Que diferença tenho eu daqueles que não percebem nenhuma esperança à vista? Daqueles que sentem que nada virá do horizonte? Ah! Distante amigo, o que estamos a ajudar a fazer de nós mesmos? Enfim, pela próxima semana, devo partir ao Concelho de Grândola. Matilda reservou-me uma morada em taipa à beira do Atlântico. Vou aproveitar os últimos

dias de estio para dar uns baixinhos a casa e mantê-la seca pelo tempo que ficarei lá. Anseio pelo cheiro da cal e pelos gestos da caiação. Entregar-me a uma azáfama feminina ancestral pode devolver-me a saúde. Cá estou doente. Desde que levaram-te a meio da noite, a treva tudo cobre, amor meu. Foi de noite e nunca mais se fez dia em mim. Ai! Dessa noite o veneno persiste em me envenenar. Oiço apenas o silêncio, que ficou em teu lugar. Na Vila Morena, ao menos ouvirei o vento, ao menos ouvirei o mar. Faço meu os versos do poeta e sangro a ouvir o fado que chora por todos nós. Ficarei na costa até pelas vésperas do Natal. Quem sabe o mar não me traz tua voz? Vai-te um galho podado do alecrim. Oxalá, seu perfume leve-te um pouco de mim.

**Comentado [CY1]:** É uma expressão portuguesa?

**Comentado [N2R1]:** Sim, baixinhos são uma mão de cal no rodapé da casa.

Haja o que houver, eu estou aqui. Haja o que houver, espero por ti.  
Ana,

Nesta missiva, G. está em África, há exato um ano antes da Revolução dos Cravos. Sua voz é composta pelas vozes de intelectuais e poetas africanos: Gabriel Mariano, Ovídio Martins, Leão Lopes, Vera Duarte. As questões da diáspora – “Querer ficar e ter de partir e querer partir e ter de ficar” e da descolonização “Não vou para pasárgada: gritarei, berrarei, matarei” - atravessam as questões existenciais de G., que responde à Ana fazendo coro a Deleuze: “Acreditar no mundo é o que mais nos falta”.

*Praia, Cabo Verde, quarta-feira, 25 de abril de 1973.  
Ana, mui cara e estimada amiga, amor do meu coração,*

*Acreditar no mundo é o que mais nos falta. Nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Oh! Amada minha, meus gestos de prudência perdi-os no aceno do mar. Sei que há léguas a nos separar, tanto mar, tanto mar. Mas sei também que é preciso navegar, navegar. Em África, estamos em plena primavera! Há muito trabalho nos campos, as sementes aguardam o preparo da terra. Chuvas fecundas logo virão, Ana. Trabalhamos duro, por isso é preciso amar a terra. Detém as lágrimas! Não ferimos ainda o último combate, na razão crioula da nossa luta. Por toda parte ressoa a voz dos que pregam a morte, eu sei. Fomos forjados na cultura da esperança, amada minha. A dizer, como quem canta a morna, “um dia, um dia”. Mas é chegado o tempo do fim da espera. Estamos a produzir um mundo que respeita a terra e a gente nua. Verás! Teu peito, em breve, se desabotoa. A lição é não tornar-se trapo, Ana! Sei quem és, por isso, olhas bem o que acontece quando nada parece acontecer. Uma pluralidade silenciosa de sentidos surge a cada pequeno acontecimento hodierno. A tinta que cobre o papel, expondo o dito, é da mesma cor do lápis que o poder usa a censurar letra. A semente armazenada no devir da terra. A cal que ferve e morre para fazer da casa um território mais resistente às forças entrópicas do fora. Acontecimentos, Ana! Há, aí, de fato uma questão de percepção. Perceber algo que **He-te** convém, que ensina, que abre e revela alguma coisa. Que aumenta a potência do viver*

**Comentado [N3]:** Um pouco em dúvida. Aqui, era mais no impessoal... tem alguma sugestão. Aqui era como em “tornar-se o que se é”.

**Comentado [CY4R3]:** Vou deixar o SE!

**Comentado [N5]:** Um carinho com o lhe... gosto imenso.

**Comentado [CY6R5]:** Essa gramática do afeto!...

no aparentemente simples do cotidiano. O que acontece, quando nada acontece, são relações de forças que inventam, a um só tempo, o si e o mundo. E a invenção fica como um resto. Tua restante vida, Ana! É preciso pôr-se a perceber, amada minha. Estarmos atentos, não apenas diante da tirania e da opressão, onde, por certo, devimos revolucionários, pois não há outra coisa a ser feita. É preciso estar atento também aos pequenos acontecimentos de todos os tempos. Mesmo no aparentemente simples do viver. No mais, ousa dizer algo assim, lasso dos dias é preciso manter-se em *devoir-revolução*. Na vida cotidiana, há acontecimentos minúsculos que nos inspiram a vergonha de ser gente. Presenciamos uma situação na qual alguém é vulgar demais. Não vamos fazer uma cena. Ficamos incomodados por ele. Ficamos incomodados conosco porque parecemos suportar. Assumimos uma espécie de compromisso. E se protestássemos dizendo: “O que você disse é ignóbil”, faríamos um drama. Ficamos encurralados. Então, sentimos essa vergonha. Não se compara a Auschwitz, nem a Salazar, mas, mesmo nesse nível minúsculo, há uma pequena vergonha de ser gente. Se não sentíssemos essa vergonha, não haveria razão para fazermos arte. Não posso dizer-lhe mais do que isso. Por isso, escrevemos, Ana. Por isso, mesmo quando nenhuma letra te chega, tiras o jornal velho e proibido do esconderijo e cola-o no caderno. Por isso, não te **privas a pintar**, mesmo que sejam borrões azuis ou casas caídas. Criamos, Ana, é o que fazemos. E o fazemos **por amor a Terra**. Criamos conceitos, funções, sensações. Sejam filosóficas, científicas ou artísticas, sejam quais artes forem, nós as criamos. E criar, Ana, é resistir efetivamente. É acontecer, é inscrever. É fazer da própria vida uma obra de arte. Oh! Amada do meu coração, em nenhuma parte da Terra me sentiria melhor do que a teu lado! Cá estou carente. Manda novamente algum cheirinho de alecrim.

Teu G.,

**Comentado [N7]:** Gosto assim: Por isso, não te privas a pintar,

**Comentado [N8]:** Aqui, tenho dúvidas. Essa “terra” com minúscula leva crase? E a Terra, não? No entanto, pensando bem. Estou falando de Terra com maiúscula nos dois casos. Então, é melhor tirar a crase e colocar a Maiúscula.

**Comentado [CY9R8]:** Podemos deixar a crase?

**Comentado [N10R8]:** Dizem que não pode colocar a crase! Vou na sua...

A voz de Ana [mistura-se com entre as vozes de:](#)

AFONSO, José. *Grândola, vila morena*. Disponível em:

<<http://www.vagalume.com.br/jose-afonso/grandola-vila-morena.html>>. Acesso em: 5 out. 2014.

BLAUFUKS, Daniel. Fragmentos de dias perdidos. *Revista Granta – Portugal*, n. 1, maio 2013, p. 153-168. Disponível em:

<<http://www.tintadachina.pt/granta/pdfs/03b104025a685cea8f3aa17f44706274-inside.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2014.

BUARQUE, Chico. Tanto mar. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/tanto-mar.html>>. Acesso em: 5 out. 2014.

CARVALHO, Paulo de. E depois do adeus. Disponível em:

<<http://www.vagalume.com.br/paulo-de-carvalho/e-depois-do-adeus.html>>. Acesso em: 5 out. 2014.

GIL, José. *Portugal, hoje: o medo de existir*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

KIERKEGAARD, Sören. *Temor e tremor*. São Paulo: Saraiva, 2012.

LIANSOL, Maria Gabriela. *Livro das horas III – numerosas linhas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

LINS, Ivan; MARTINS, Vitor. Um fado. Disponível em:

<<http://www.vagalume.com.br/ivan-lins/um-fado.html>>. Acesso em: 5 out. 2014.

MADREDEUS. Haja o que houver. Disponível em:

<<http://www.vagalume.com.br/madredeus/haja-o-que-houver.html>> . Acesso em: 5 out. 2014.

RODRIGUES, Amália. Fado de Peniche. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=0-\\_7BqY7e-8](https://www.youtube.com/watch?v=0-_7BqY7e-8). Acesso em: 5 out. 2014.

A voz de G. [mistura-se com entre as vozes de:](#)

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 1990/2009.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Portugal: Res Editora, 1962/1976.

\_\_\_\_\_. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992/2010.

DUARTE, Vera. *Breve*. Portugal: Edições Ática, 1966.

GOMES, Giovani Camarota; CLARETO, Sônia Maria. A cognição em questão: invenção, aprendizagem e educação matemática. *Práxis Educativa*, (UEPG Online), v. 7, Ponta Grossa, 2012, p. 585-602.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008 p. 32-39.

LIANSOL, Maria Gabriela. *Na casa de julho e agosto*. Porto: Afrontamento, 1984.

\_\_\_\_\_. *Causa amante*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1984b.

MARIANO, Gabriel. *Louvação da claridade*. Praia, Cabo Verde: Instituto Caboverdiano do Livro, 1986.

MARTINS, Ovídio. *Não vou para pasárgada: gritarei, berrarei, matarei*. Praia, Cabo Verde: Instituto do Promoção Cultural, 1998.

TAVARES, Eugénio. Hora di Bai. In: OLIVEIRA, José Osório de. *Morna: a voz da alma cabo-verdiana*. Disponível em:

<<http://www.eugeniotavares.org/docs/pt/obra/mornas.html>>. Acesso em: 2 out. 2014.